



## **A EFERVESCÊNCIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS NA ILUSTRAÇÃO: O VERBETE “EDUCAÇÃO” DA *ENCICLOPÉDIA***

**Christine Arndt de Santana**  
**Doutora em Educação (UFS)**  
**Professora do Departamento de Teatro (UFS)**  
**Email: carndtsantana@gmail.com**

**RESUMO:** O século XVIII é considerado o “Século da pedagogia” uma vez que este teria sido o período que tratou da maior parte dos temas pedagógicos discutidos até os nossos dias. Conhecido como a época em que houve a mais espantosa diversificação da expressão filosófica que jamais tenha sido vista, ou seja, o uso dos diversos gêneros de escrita para a divulgação de ideias e a serviço de princípios pedagógicos, este texto pretende fazer uma análise e apontar que as definições dadas pela *Enciclopédia* sobre educação são relacionadas às principais características da Ilustração, uma vez que esta grande empreitada editorial dos *philosophes* é a concretização do espírito da época e se coaduna com o projeto político, civilizatório e pedagógico do movimento Ilustrado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, *Enciclopédia*, Ilustração.

**ABSTRACT:** The eighteenth century is considered the “Century of pedagogy” considering that this would have been the period that dealt with most of the pedagogical themes discussed until now. Known as the time when there was the most astounding diversification of the philosophical expression that has ever been seen, that is, the use of the different genres of writing for the dissemination of ideas and the service of pedagogical principles, this text intends to make an analysis and point out that the definitions given by the *Encyclopedia* on education are related to the main characteristics of the Enlightenment considering that this great editorial work of the *philosophes* is the concretization of the spirit of the time and is in line with the political, civilizing and pedagogical project of the Illustrated movement.

**KEYWORDS:** Education, *Encyclopedia*, Enlightenment.

Dentre todas as mudanças alcançadas pelos *philosophes*, na Ilustração, uma esfera não haveria como ficar indiferente, uma vez que a mesma poderia ser a responsável pela maior das transformações no que respeita à manutenção ou não da estrutura social que existia no século XVIII francês: a educacional. “A educação é uma das questões majoritárias da filosofia das Luzes e é encarada como transmissão de conhecimentos ou formação de uma população; tem como alvo a opinião pública ou, mais classicamente, a criança.” (GOULEMONT; MASSEAU; TATIN-GOURIER, 1996, p. 63). Nesse sentido, é possível afirmar que um dos centros de interesses principal da filosofia do século da Ilustração são as questões pedagógicas. Se se leva em consideração que, a “ordem do dia” era a felicidade, o bem-estar dos homens e a luta pela sua emancipação, pelo seu esclarecimento, pela sua maioridade; nada mais coerente do que ter como principal interesse as questões que estão relacionadas com a educação dos seres humanos, uma vez que, como pensavam os *philosophes*, ela, a educação, seria a responsável por formar cidadãos virtuosos e esclarecidos.

Hager chama a atenção para o fato de que “É, sobretudo, nos textos filosóficos que são expostas as concepções fundamentais sobre a educação – no sentido de educação moral – e sobre a instrução ou aquisição de conhecimentos intelectuais.” (DELON, 1997, p. 429). Ou seja, não eram nos tratados de pedagogia, de educação, que estavam presentes os princípios que orientariam o pensamento educativo, pedagógico da Ilustração. À época, não existia a disciplina pedagogia; nesse sentido, a teoria da educação e a teoria da instrução eram, ambas, um ramo da filosofia e da teologia. Como consequência disso, a relação que se estabelece entre a filosofia e a educação possibilitará uma profusão de escritos que terão como meta trazer à cena os princípios que devem nortear o processo educativo.

Os princípios pedagógicos principais da Filosofia da Ilustração são fornecidos por Locke, no século XVII. Sua obra sobre educação é plena de um inegável otimismo pedagógico, ao ponto dele afirmar que de cada 10 indivíduos 9 são o que são pela educação que receberam: bons ou maus, capazes ou incapazes. Para o filósofo inglês, a educação deve ser privada ou dispensada por um preceptor e, enquanto válida para todos, deve procurar levar em consideração a individualidade de cada aluno<sup>1</sup>. Locke estabelece uma hierarquia de objetivos, quanto à instrução, que é assim resumida por Hager:

---

<sup>1</sup> Cf. DELON, 1997, p. 429.

Em primeiro lugar a virtude ou a moralidade, definidas em diferentes épocas como o reino da razão sobre as paixões; [...] em seguida, [...] a sabedoria prática [traço característico desse período, uma vez que havia a constante preocupação com o conhecimento útil], ou a faculdade de refletir sobre todos os problemas da vida, em particular os de ordem prática. O terceiro lugar é ocupado pelo bom comportamento e pelas boas maneiras fundados sobre o verdadeiro respeito de si e dos outros; e é apenas na quarta classificação que aparecem os conhecimentos e a instrução. (DELON, 1997, p. 429)

Na França, no século XVIII, a reflexão pedagógica se sustenta sobre três temas definidos na *Enciclopédia*:

Alimentar, elevar e instruir, que resultam de três objetivos educativos: a saúde e a boa conformação do corpo; a justiça e a instrução do espírito; a educação moral (que visa aos costumes, à condução da vida e às qualidades sociais). (DELON, 1997, p. 429)<sup>2</sup>

Esses três temas definidos na *Enciclopédia* são as três sentenças constituintes do que venha a ser, para os enciclopedistas, o conceito de educação. Segundo Du Marsais<sup>3</sup>, educação:

É o cuidado que se toma em alimentar, elevar e instruir as crianças; assim, a educação tem por objetivos: 1º- a saúde e a boa conformação do corpo; 2º- aquilo que concerne à honestidade e à instrução do espírito; 3º- os costumes, ou seja, a condução da vida e as qualidades sociais. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

Para o autor, conforme ele próprio explica no artigo, este é o sentido abstrato e metafísico da palavra Educação na *Enciclopédia*. Assim, a educação em geral deve ser pensada da seguinte maneira:

As crianças que vêm ao mundo devem formar, um dia, a sociedade na qual elas irão viver; sua educação é, portanto, o objeto mais interessante: 1º- por elas mesmas, pois a educação deve fazer com que elas [as crianças] sejam úteis a esta sociedade, que obtenham estima e encontrem o seu bem-estar; 2º- por suas famílias, que elas devem

---

<sup>2</sup> Apesar dos três temas aparecerem, no verbete, na seguinte ordem: alimentar, elevar e instruir; ao relacioná-los com os objetivos da educação é necessário inverter o segundo com o terceiro tema, para que a relação com as finalidades tenham uma correspondência. Nesse sentido, a ordem deve ser: alimentar, instruir e elevar.

<sup>3</sup> Enciclopedista responsável por escrever o artigo “Educação” e outros que, de certa forma, relacionam-se com o tema educacional: “Abecedário”, “Adjetivo”, “Advérbio”, “Alfabeto”, “Alfabético”, “Concordância”, “Declinação”, “Derivação”, “Dissílabo”, “Eufemismo”, “Gramático”, para citar apenas alguns exemplos.

amparar e honrar; 3º- pelo Estado mesmo, que deve recolher os frutos da boa educação que receberam os cidadãos que o compõem. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

Os motivos que fazem com que a educação seja o objeto mais importante para as crianças que irão formar um dia a sociedade estão vinculados diretamente aos princípios que norteiam os ideais da Ilustração e aos objetivos que a educação possui, de acordo com Du Marsais. Ao se analisar, passo a passo, cada um desses três motivos expostos acima, encontra-se os pontos cardeais do movimento ilustrado; pontos esses que se misturam e confundem-se com suas principais características. Assim sendo, necessariamente, os motivos vinculam-se aos objetivos da educação e às características do momento histórico ora analisado, o que acaba por confirmar que há um projeto pedagógico, político e civilizatório<sup>4</sup> traçado pelos *philosophes* e, tal projeto, serviu como orientação aos enciclopedistas uma vez que, em seus artigos, aparecem, nas entrelinhas, a preocupação com o estabelecimento de uma nova ordem: a tomada de consciência acerca da necessidade de se tornar autônomo e de fazer com que os outros homens se tornem livres e esclarecidos para que, dessa maneira, alcancem um estado de bem-estar em sociedade.

Ao afirmar que a educação deve ser o objeto mais importante, para as crianças, futuros cidadãos em uma sociedade “1º- por elas mesmas, pois a educação deve fazer com que elas [as crianças] sejam úteis a esta sociedade, que obtenham estima e encontrem o seu bem-estar” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002), não estaria presente, neste trecho, a ideia de que o homem deve buscar a sua felicidade junto aos seus semelhantes e criar um estado de bem-estar social? Ou seja, ao se preocupar com a educação daqueles que serão o futuro de uma sociedade, os *philosophes* não estariam colocando em prática uma das principais características que o movimento ilustrado possuiu: as ideias interferem no destino dos homens e transformam o rumo da história, pois são “forças atuantes”? Ou, como explica Cassirer,

---

<sup>4</sup> Acerca deste projeto, afirma Salinas Fortes: “O que é próprio do século XVIII é a postura, a atitude que se liga ao nome de ‘filósofo’. Ele não mais será visto como um especialista a debater ideias no círculo fechado dos seus pares. Sua ambição é sair pelas ruas, pelos famosos ‘salões’ privados mantidos por personalidades inclusive da aristocracia, onde os nossos heróis se esquecem em intermináveis noitadas de discussões que são uma instituição típica do século. O sonho destes intelectuais ‘engajados’ é intervir nos acontecimentos e desenvolver uma intensa atividade pedagógica e civilizatória. ‘Servi-vos de vosso espírito – diz por exemplo [sic] Voltaire em carta a Helvetius – para esclarecer o gênero humano’. Graças à atuação destes verdadeiros propagandistas e agitadores da nova fê amplia-se o círculo de pessoas que leem, constitui-se um público cultivado e se organiza o espaço de uma verdadeira ‘opinião pública’.” (FORTES, 1999, p. 27)

Passam da condição de objetos prontos e acabados para a de forças atuantes, da condição de resultados para a de imperativos. Tal é o sentido verdadeiramente fecundo do pensamento iluminista. Manifesta-se menos por um conteúdo de pensamento determinado do que pelo próprio uso que faz do pensamento filosófico, pelo lugar que lhe confere e pelas tarefas que lhe atribui. [...] o movimento profundo, o esforço principal da filosofia do Iluminismo não se limitam, com efeito, a acompanhar a vida e a contemplá-la no espelho da reflexão. Pelo contrário, ela acredita na espontaneidade originária do pensamento e, longe de restringi-lo à tarefa de comentar *a posteriori* e de refletir, *reconhece-lhe o poder e o papel de organizar a vida*. O pensamento deve, sem dúvida, analisar, examinar, mas também provocar, fazer nascer a ordem cuja necessidade ela concebeu. (CASSIRER, 1997, p. 10, grifo do nosso)

A partir do momento em que os ilustrados trabalham para a transformação espiritual dos homens, eles estão, na verdade, preocupados com a educação de suas crianças, visto que estas serão as responsáveis pelos destinos da sociedade futuramente; e a preocupação com esse devir faz com que as ideias dos *philosophes* concorram para a construção de um futuro feliz para a humanidade. É o próprio homem que, de acordo com sua liberdade, sua *educação*, as condições concretas em que vive, deve orientar seu destino de tal forma que possa ser feliz. Ao ser educado, a razão possibilitará a ele conseguir superar todos os obstáculos que serão postos no percurso de sua vida e de edificar a felicidade a partir de seu próprio esforço, não dependendo de ninguém, sendo autônomo.

Ao afirmar que a educação deve ser o objeto mais importante para as crianças (futuros cidadãos de uma sociedade) “2º- por suas famílias, que elas devem amparar e honrar” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002), esse amparo e essa honra somente serão possíveis a partir dos valores que serão transmitidos a esses alunos; e, tal transmissão, está presente no conceito que o artigo “Educação” da *Enciclopédia* expõe como sendo o segundo objetivo da tarefa educativa. Logo, as principais características da Ilustração estão em consonância com as ideias difundidas na grande obra do século XVIII, ou seja, os objetivos da educação e os motivos que a fazem ser o que há de mais importante para as crianças confundem-se com as particularidades que esse período possui.

Ao expor que a educação deve ser o objeto mais importante para as crianças “3º- pelo Estado mesmo, que deve recolher os frutos da boa educação que receberam os cidadãos que o compõem” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002), é possível reunir, em uma só sentença, os laços existentes entre os três objetivos da educação e os três

motivos de ser a educação o que há de mais importante para as crianças de uma nação, além de agrupar, necessariamente, a ideia utilizada no 1º motivo, que indica que as crianças devem ser educadas para que possam ser úteis ao Estado a que pertencem e para que obtenham estima e encontrem o bem-estar, ou seja, felicidade.

Du Marsais, na *Enciclopédia*, aponta que, dentre aqueles três motivos para que se eduquem de maneira esclarecida<sup>5</sup> as crianças, existem ainda os seus desmembramentos:

Todas as crianças que vêm ao mundo devem estar submetidas aos cuidados da educação porque não existe nenhuma que nasça toda instruída e toda formada<sup>6</sup>. [nesse momento, o autor começa a fazer elogios ao Estado cujo representante é bem instruído e sabe da importância de que seus cidadãos sejam também instruídos e, além disso, faz com que estes mesmos cidadãos saibam a origem, o motivo, a extensão e os limites de sua autoridade] [...] Que felicidade para um Estado no qual os magistrados têm conhecimento, muito bem, de seus

<sup>5</sup> Ou seja, que se dê às crianças uma educação nos moldes propostos pelos ilustrados, diferente do que se fazia nos Colégios Jesuíticos. Gusdorf assim diferencia o que era feito nos Colégios e o que propôs a Ilustração: “A educação medieval formava os homens para a Igreja; o humanismo clássico forma os jovens para eles mesmos e para o mundo, para a classe privilegiada, a classe ociosa, à qual eles pertencem, conforme as normas de um estetismo que negligencia as coisas materiais. O sistema de valores próprio à idade das Luzes condena este ideal pedagógico vagamente contemplativo, especulativo e, sobretudo, desocupado. [...] Os temas do utilitarismo e da filantropia conjugam-se para repudiar o humanismo estetizante do ensino tradicional, e o egoísmo de classe do qual ele é expressão. Não se trata mais em preparar os espíritos cultivados capazes de brilhar na boa sociedade, mas cidadãos úteis, suscetíveis de contribuir à empreitada coletiva da civilização [...] [mais adiante, continua Gusdorf] O cosmopolitismo das Luzes é a afirmação de um patriotismo ‘com relação à sociedade geral’, à humanidade em seu conjunto. A laicização do ensino se impõe uma vez que se trata de formar os cidadãos do mundo, e não os fiéis de tal ou tal seita particular cristã que seria ainda apenas uma parte da comunidade humana. A humanidade é uma realidade de direito natural anterior, de direito e de fato, às revelações religiosas. E por isso o poder civil deve ter a autoridade [la haute main] sobre a educação, mas o Estado ao ensinar, não deve fechar a juventude no horizonte limitado da comunidade nacional; ele deve desenvolver em cada um de seus alunos o sentido da dependência à grande família humana.” (GUSDORF, 1973, p. 115). No *Vocabulaire de la Littérature du XVIII<sup>e</sup> siècle*, escrito por Goulemont e Tatin-Gourier, eles afirmam que “Apenas a partir de 1763, com a expulsão dos jesuítas responsáveis pelo ensino na maior parte dos Colégios, que o problema da educação é encarado em termos coletivos. Caradeuc de La Chalotais publica seu *Ensaio de educação nacional* e requer que o conjunto de organização dos estudos seja uma incumbência do Estado [...]. Em reação contra a tradição das humanidades, preconiza-se uma orientação firme em direção ao ensino científico e técnico e também com a utilização da língua francesa. O *Plano de uma Universidade para o governo da Rússia* [...], é animado do mesmo espírito: um império que se engaja pela via do progresso necessita de um sistema de ensino capaz de fazer recuar a ignorância e formar elites competentes.” (GOULEMONT; MASSEAU; TATIN-GOURIER, 1996. p. 64). Acerca dessa mesma ideia, Hager escreve: “À educação dominante espiritual e colocada sob alta vigilância eclesiástica (colégios jesuítas), os *philosophes* opõem a ideia de uma educação laica, fundada sobre a razão humana – e que poderia ser privada ou pública. A educação privada, dispensada por um preceptor, está profundamente de acordo com o espírito desse século enamorado do individualismo, inquieto pela felicidade e pela virtude do indivíduo. O ideal de educação pública, em compensação, inscreve-se nas linhas das Luzes políticas, que desejam uma comunidade de homens livres e iguais, uma (nova) sociedade de bons cidadãos.” (DELON, 1997, p. 430)

<sup>6</sup> Rousseau pensa assim, acerca desta questão: “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação.” (ROUSSEAU, 2004, p. 09)

deveres e têm costumes; no qual cada cidadão está prevenido que, vindo ao mundo, ele recebeu um talento para dar valor; que ele é membro de um corpo político e que estando nessa qualidade ele deve colaborar para o bem comum, buscar tudo aquilo que pode fornecer vantagens reais à sociedade, e evitar aquilo que pode confundir a harmonia, interromper a tranquilidade e a boa ordem. [...] se cada espécie de educação for dada com luzes e com perseverança, a pátria se encontrará bem constituída, bem governada, e segura dos insultos de seus vizinhos (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

Outro aspecto apontado por Du Marsais é o que afirma ser fundamental que os cidadãos reconheçam as qualidades, os talentos que possui, ao ponto de torná-las úteis ao Estado. Recebendo essa educação, a criança e, posteriormente o homem, perceberá que faz parte de um corpo político e que, em função disso, deve colaborar para o bem comum, buscar a harmonia e o equilíbrio social. Nessas condições, a educação, sendo esclarecida, a pátria estará bem constituída, governada e segura das ofensas dos seus vizinhos.

Ainda no artigo “Educação”, o enciclopedista chama a atenção para a importância que o processo educativo representa na vida de um ser humano, ao ponto de afirmar que “A educação é o maior bem que os pais podem deixar a seus filhos.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)<sup>7</sup> Porém, ele indica que muitos pais que não entendem dessa forma, preocupam-se em deixar seus filhos empregados, ocupando um determinado lugar social; por mais que seja útil se preocupar com esse tipo de questão, como garantir que um filho será sensível, esclarecido, honrado? Não será a partir do emprego nem da colocação social, mas sim a partir da educação que ele receber, dos valores aprendidos (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)<sup>8</sup>.

Um ponto que se ressalta ao se comparar o que pregava a Ilustração e o que era ensinado nos Colégios Jesuíticos é a preocupação centrada no aluno, a necessidade de se observar a criança para identificar nela as suas inclinações. “Há muita analogia entre a cultura das plantas e a educação das crianças. Em uma e em outra a natureza deve fornecer as bases.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002).<sup>9</sup> Essa analogia possibilita a Du

---

<sup>7</sup> Vale lembrar que esta afirmação aparece nos verbetes “Educação”, dos dicionários de Furetière (1702) e de Trévoux (1771).

<sup>8</sup> Dois contos chamam a atenção para este aspecto. Um, escrito no século XVIII, *Jeannot et Colin*, por Voltaire, denuncia o mal que a “educação” que visa a colocação social pode causar na vida de um homem. O outro escrito, do século XIX, *Teoria do medalhão*, de autoria de Machado de Assis, satiriza a “educação” que cabe ao medalhão: aquele que deve “parecer” saber tudo, nas rodas sociais, mas que, na verdade, não precisa saber nada; não deve ter ideias próprias, mas sim, tomar as dos outros para si.

<sup>9</sup> “É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que soubeste afastar-te da estrada principal e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem planta antes que ela morra; um

Marsais expor a seguinte metáfora: o proprietário de um campo só pode o trabalhar utilmente se observar que o terreno é próprio para desenvolver determinado tipo de plantação; da mesma maneira, um pai esclarecido e um mestre experiente e com discernimento devem observar seu filho/aluno. Após um certo tempo de observações, eles, o pai esclarecido e o mestre experiente, devem desembaraçar as inclinações e os gostos de seu filho/aluno, identificar a sua vocação e o lugar ao qual ele, o filho/aluno, pertence na sociedade (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002). Assim, não se deve forçar a inclinação de uma criança, nem permitir que ela escolha um estado que não condiga com suas inclinações, que não seja apropriado para ela. É necessário, na medida do possível, economizar as falsas etapas, segundo Du Marsais. “Felizes das crianças que têm pais experimentados, capazes de as bem conduzir nas escolhas de um estado! Escolha da qual depende a felicidade ou o mal-estar do resto da vida.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)<sup>10</sup>

Retornando aos três objetivos que a educação possui, na perspectiva ilustrada, faz-se necessário discorrer algumas palavras acerca desses três pontos essenciais que são o objeto de toda a educação. Não se deve propor a ninguém a educação de uma criança, de um ou de outro sexo, a menos que o responsável pelo ensino tenha feito reflexões sérias acerca desses três pontos: a saúde; o esclarecimento do espírito; os costumes e as qualidades sociais, ou seja, o bem-estar. No que se refere a este último, o autor explica que existem tantos livros que tratam desse assunto, relacionado à educação, que ele acha pertinente adiar tal discussão (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002). Assim sendo, passar-se-á à discussão acerca do primeiro ponto.

A saúde é extremamente importante para que se tenha uma vida confortável. Nesse sentido, alguns conhecimentos são úteis para que se possa levar uma vida saudável. Portanto, a partir de uma determinada idade, de acordo com Du Marsais, é importante que algumas noções de anatomia e de economia animal sejam aprendidas, não para que dessa maneira uma criança possa se conduzir por si mesma, quando está doente; mas, para que ela possa ter, sobre esse assunto, luzes sempre úteis, que são uma parte essencial do conhecimento de si próprio. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

---

día, teus frutos serão tuas delicias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho; outra pessoa pode marcar o seu traçado, mas apenas tu podes colocar a cerca. Moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação.” (ROUSSEAU, 2004, p. 07)

<sup>10</sup> Vale notar como a boa escolha, no que respeita ao estado que se ocupará na sociedade, e a felicidade estão diretamente relacionadas, colaborando para a ideia de que há um projeto que visa ao esclarecimento por parte dos *philosophes*. E, este esclarecimento tem, por finalidade, o bem-estar dos homens em sociedade.

Ainda sobre o tema da saúde, o autor chama a atenção para o fato de que entre os selvagens é comum observar-se que as crianças se acostumam a tudo: nadam, passam frio, fome, permanecem muito tempo sem dormir e resistem a isso. Quando ficam doentes, a natureza se ocupa de seus restabelecimentos. Nesse sentido, deve-se deixá-las abandonadas à sábia providência da natureza, uma vez que elas são capazes de se acostumar a todas as adversidades. Porém, deve-se levar em consideração o grande número de crianças que sucumbem a essas situações e que, portanto, são vítimas do preconceito de que todos podem se acostumar a tudo. Em resumo: não se deve ser fraco na tarefa de educar as crianças, elas devem ser educadas com firmeza; porém, deve-se levar em consideração a constituição de cada uma, os limites, inclusive físicos, que elas possuem individualmente. Por conta disso, a necessidade de se observar cada criança, levando em consideração suas particularidades, para educá-la de maneira correta, segundo os preceitos da Ilustração.

Quanto ao esclarecimento do espírito, Du Marsais concorda com a sentença horaciana que afirma ser possível “adoçar o espírito mais feroz [...], contanto que ele tenha a docilidade de se prestar à instrução.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002) Contudo, o que venha a ser ter o “espírito dócil”? “[...] é estar no estado de bem escutar e de bem responder; é entender aquilo que nos é dito, precisamente no sentido que está o espírito daquele que nos fala, e responder relativamente a este sentido.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002). O enciclopedista chama a atenção para o fato de que o mestre, ao se deparar com um aluno que tenha o “espírito dócil”, deve estar atento se o conteúdo do que ele ensina é útil para a vida do aluno<sup>11</sup>.

Por essa razão, é recorrente, na escrita do verbete por hora analisado, a importância de se escolher bons mestres; a preocupação com essa escolha. A docilidade, somente a Natureza pode dar ao homem. Porém, um mestre habilidoso pode conduzir seu aluno à docilidade. É necessário que o professor tenha o talento de saber cultivar os espíritos e tornar seu aluno dócil, sem que o aluno perceba que ele, o mestre, trabalha para tal objetivo; pois, sendo diferente, não será possível colher nenhum fruto deste aluno. O professor deve ter o espírito dócil e sociável, saber escolher o momento oportuno para propor uma lição que produzirá efeito, sem que ela própria tenha um ar

---

<sup>11</sup> Vale ressaltar o fato de que é necessário refletir, de acordo com o artigo “Educação”, da *Enciclopédia*, que existem espíritos nos quais não se consegue o acesso, ou seja, nos quais algumas características não alcançam seus pensamentos; são os espíritos duros e inflexíveis. Torna-se difícil adoçar tais espíritos. Existem alguns estados do espírito em que não se tem como entregar-se à instrução: o da paixão, o da desordem do organismo do cérebro, o da doença, o de um antigo preconceito. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

de lição (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002), ou seja, algo muito próximo ao que foi proposto por Horácio em sua *Arte Poética*, no que respeita à função educativa que a literatura possui<sup>12</sup>.

Essa relação com os preceitos pregados por Horácio, que de certa forma estão vinculados à função social desempenhada pela literatura na Ilustração<sup>13</sup>, ocorre pelo fato de que no Século das Luzes não há mais a oposição entre as paixões e a razão, como fizeram os estóicos e os moralistas do século XVII. “O objetivo da educação não é mais o de fazer dominar a razão, eliminando as paixões, mas, ao contrário, o de achar nas paixões os elementos construtivos da moralidade humana” (DELON, 1997, p. 430). Shaftesbury ainda preconizava o reino da razão; mas, as paixões são reabilitadas e apresentadas como sendo os motores da atividade humana e de suas conquistas. (DELON, 1997, p. 430)<sup>14</sup>

Mesmo no domínio intelectual, a razão moral, que compreende os valores e as normas ideais e que carrega os julgamentos morais, se vê ladeada por outras faculdades: em primeiro lugar, a sabedoria prática e técnica, com seu conhecimento das causalidades e o seu saber demiúrgico, dos quais o homem tem necessidade para se impor no mundo; mas também o espírito crítico, o ceticismo em face de todo entusiasmo religioso ou especulação metafísica, que rompe em dia todas as aparências enganadoras da sociedade e que não aceita nenhuma tradição que não tenha se submetido a um exame prévio. O objetivo educativo kantiano, a ascensão da humanidade à maioria, a

<sup>12</sup> Para o poeta romano Horácio, a poesia é *dulce* e *utile*. Wellek e Warren, teóricos da Literatura, utilizam-se desse binômio para desenvolverem a seguinte tese: a poesia é considerada um prazer (análoga a qualquer outro prazer) e instrui (de forma análoga a qualquer livro didático) (Cf.: WELLEK; WARREN, 2003, p. 24). Assim, para que uma obra literária funcione com sucesso “[...] as duas ‘notas’ de prazer e utilidade não devem meramente coexistir mas fundir-se.” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 26). De acordo com Wellek e Warren, “Quando nos dizem que a poesia é ‘brincadeira’, divertimento espontâneo, sentimos que não se faz justiça nem ao cuidado, à perícia e planejamento do artista nem à seriedade e importância do poema; quando nos dizem, porém, que a poesia é ‘trabalho’ ou ‘ofício’, sentimos a violência feita à sua alegria e ao que Kant chamou de sua ‘falta de propósito’. Devemos descrever a função da arte de uma maneira que faça justiça ao *dulce* e ao *utile*. [...] ‘útil’ é equivalente a ‘que não é perda de tempo’, algo que merece atenção séria. ‘Doce’, é equivalente a ‘não aborrecimento’, ‘não dever’, ‘sua própria recompensa’.” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 24). Goulemont chama a atenção para o “O interesse pedagógico [que] aparece a partir da investigação de formas de escrita acessíveis às novas elites mundanas, refratárias a toda erudição. Fontenelle e Voltaire recorreram muito cedo ao conto e ao diálogo, formas breves suscetíveis, ao mesmo tempo, de agradar e instruir. [Estas formas de escrita] serviam para subtrair, dos leitores, os preconceitos e o fanatismo; para os transformar em agentes do progresso. [...] [os *philosophes*] adotam uma estratégia de escrita na qual a simulação da oralidade e a ironia desempenham um papel essencial. Assim, a reflexão sobre a transmissão dos conhecimentos é indissociável dos recursos e das práticas do combate filosófico.” (GOULEMONT; MASSEAU; TATIN-GOURIER, 1996. p. 63)

<sup>13</sup> Função esta que está diretamente ligada ao poder que a literatura tem de educar.

<sup>14</sup> De acordo com Voltaire, para citar apenas um exemplo, o que motiva a ação humana são as paixões; elas são a potência da alma, e cabe à razão orientá-las. Voltaire acreditava que os *Philosophes* deveriam agir sobre as paixões e o “espírito do tempo”, fazendo, assim, com que os homens pudessem, por si só, aperfeiçoar-se moralmente. (Cf. MOTA, 2010)

tira partido não somente do entendimento, mas também da coragem e da vontade decisiva [*Sapere Aude*]. Enfim, a imagem do homem e o objetivo educativo da filosofia das Luzes se caracterizam igualmente por uma *clara acentuação no prazer que procura a moralidade e a razão*. [...] O materialismo [...] vai, igualmente, ter consequências sobre a definição do objetivo educativo: moralidade e razão perdem seu fundamento religioso e transformam-se em valores imanentes. A felicidade puramente terrestre e o simples prazer de existir transformam-se no mais alto bem da humanidade. (DELON, 1997, p. 430. grifo nosso)

Por essas razões, ao se escolher um mestre, deve-se preferir um sábio a um espírito duro; aquele que tem menos erudição, mas que é judicioso e sociável. “[...] a erudição é adquirida, ao passo que a razão, o espírito insinuante e o humor doce são um presente da natureza.” (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002) Para ser um bom mestre, ou seja, para bem instruir, é necessário, primeiramente, uma direção reta. O grande segredo da arte de ensinar, para Du Marsais, é estar em condições de desembaraçar a subordinação dos conhecimentos: iniciar do mais simples ao mais complexo, seguir a ordem dos saberes.<sup>15</sup> (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

No que se referente à preocupação com a formação do espírito de uma criança, um dos três pontos essenciais que são o objeto de toda educação, vale ressaltar que os primeiros anos de uma criança, com relação ao espírito, são os mais importantes da vida dela e são os anos que exigem cuidados além dos que já são comumente dispensados. É importante ressaltar que apagar as impressões depositadas, pelo discurso e *pelo exemplo*<sup>16</sup>, na criança, nos seus primeiros anos, é muito difícil; e, quando a criança está rodeada de pessoas pouco sensatas e pouco esclarecidas, as más impressões passadas causam um grande mal. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

A partir do momento em que uma criança faz o reconhecimento dos seus olhares e seus gestos, que começa a entender o que lhe é dito, ela deve ser enxergada como um sujeito próprio a ser submetido à jurisdição da educação, que tem por objeto formar o espírito e afastar tudo aquilo que o pode desencaminhar. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

---

<sup>15</sup> Ou seja, o que foi proposto por Diderot (2000) em seu *Plano de uma Universidade*: nos anos iniciais, toda a sorte de conhecimentos úteis à sociedade é apresentada; porém, esses conhecimentos devem ser apresentados na seguinte ordem: ir do mais simples ao mais complexo. Nesse sentido, os alunos que se identificam com determinados tipos de conhecimento, e que não demonstram ter nenhuma familiaridade com o que se espera de quem vai seguir toda a trajetória traçada pelo *Plano*, ao ponto de chegar até a uma das três faculdades propostas por Diderot (Medicina, Direito e Teologia), têm a possibilidade de adquirir, a partir dos assuntos menos complexos, conhecimentos que serão úteis para a sua vida em sociedade.

<sup>16</sup> É o exemplo, na educação, o responsável por fazer com que a literatura tenha uma função educativa.

É importante certificar-se que a criança conviva com pessoas sensatas e que ela possa entender e ver apenas o bem, uma vez que:

Os primeiros consentimentos sensíveis do nosso espírito – para falar como todo mundo –, os primeiros conhecimentos, ou as primeiras ideias que se formam em nós, durante os primeiros anos de nossa vida, são tantos modelos que se torna difícil reformá-los; eles nos servem, em seguida, de regra para o uso que fazemos de nossa razão; nesse sentido, importa extremamente a um jovem homem que, desde que ele comece a julgar, que ele consinta apenas o que é verdadeiro, ou seja, aquilo que é. (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

Por essas razões, devem-se manter longe das crianças todas as histórias fabulosas, todas as histórias pueris de Contos de Fadas, as interpretações dos sonhos, os horóscopos e “tantas outras práticas supersticiosas que servem apenas para afastar a razão das crianças, assustar sua imaginação e frequentemente fazê-las se arrepender de terem vindo ao mundo.”<sup>17</sup> (D’ALEMBERT; DIDEROT, 2002)

O projeto da Ilustração, que tinha como finalidade a emancipação do homem, o seu esclarecimento, foi um projeto político, pedagógico e civilizatório como explicado anteriormente. A maior parte dos autores deste período acreditava no poder da razão e no aperfeiçoamento do homem. Este aperfeiçoamento devia possibilitar a busca do esclarecimento da humanidade e sua conseqüente felicidade (entendendo a felicidade em uma dimensão social; a procura de um bem-estar na sociedade). Por esta razão, como especificado, a educação estava na “ordem do dia” no século XVIII. Ela é uma das questões mais importantes, um dos centros de interesses principal da filosofia das Luzes. Se o objetivo a ser alcançado era a batalha pelo esclarecimento, pela emancipação, a busca da maioria, o bem-estar social, a felicidade; ter como principal interesse a educação dos homens é a tomada de decisão mais coerente, tendo em vista o projeto ilustrado. Não se pode deixar de acrescentar que os *philosophes* entendiam que a educação possibilitava a formação de homens virtuosos e esclarecidos; e, estes homens, emancipados cidadãos, seriam os responsáveis pela convivência harmoniosa em sociedade.

Vários são os nomes dos *philosophes* que se dedicaram a publicar obras que trataram, direta ou indiretamente, das questões pedagógicas. Voltaire, Diderot,

---

<sup>17</sup> Rousseau, no *Emílio*, proíbe a leitura de obras literárias antes de uma determinada idade, fazendo exceção apenas ao texto de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*, pois acredita que esta obra possui virtudes que podem ser aprendidas.

Rousseau, Condorcet, dentre tantos outros, de maneiras diferentes, fizeram da educação um tema de destaque em seus escritos. Nesse sentido, não tem como separar a empreitada filosófica da maior empreitada editorial do século; a *Encyclopédia* estava em consonância com as ideias vigentes e não apenas explicou o que era educação como se organizou, a partir de sua estrutura, para fazer com que os seus leitores pudessem ser educados pelo espírito do século, uma vez que nela estavam as ideias geradoras do projeto político, civilizatório e pedagógico do movimento Ilustrado.

## REFERÊNCIAS

- CASSIRER, E. *A filosofia do Iluminismo*. Tradução Álvaro Cabral. 3.ed. Campinas: EdUNICAMP, 1997.
- CHANFRAULT, M.F. Éducation. In: GOULEMOT, J.M.; MAGNAN, A.; MASSEAU, D. *Inventaire Voltaire*. Paris: Gallimard, 1995.
- CONDORCET. *Cinco memórias sobre a instrução pública*. Tradução Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- \_\_\_\_\_. Relatório e projeto de decreto sobre a organização geral da instrução pública, apresentados à Assembleia Nacional em nome do Comitê de Instrução Pública em 20 e 21 de abril de 1792. In: *Escritos sobre a instrução pública*. Tradução Maria Auxiliadora Cavazotti e Lígia Regina Klein. Campinas: Autores Associados, 2010.
- D’ALEMBERT, J.R. *Discours préliminaire de l’Encyclopédie*. Paris: Gonthier, 1965.
- D’ALEMBERT, J.R. ; DIDEROT, D. *Encyclopédie*. Paris: Redon, 2002. CD-ROM.
- DELON, M. (org.) *Dictionnaire européen des Lumières*. Paris: Quadrige. PUF, 1997.
- DIDEROT, D. *Obras I: Filosofia e Política*. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- DUCROS. *Les encyclopédistes*. Paris: Honoré Champion, 1900.
- DUPRONT, A. *Qu’est-ce que les Lumières?* Paris: Gallimard, 1996.
- FORTES, L. R. S. *O iluminismo e os reis filósofos*. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- FOUCAULT, M. Qu’est-ce que les Lumières? In: *Revue Magazine Littéraire*. n.309, Avril, 1993.
- FURETIÈRE, A. *Dictionnaire universel, contenant généralement tous les mots François, tant vieux que moderne, & les Termes de toutes les sciences et des arts*. Haye; Rotterdam: Arnout; Reinier Leers, 1702. II Tomes.
- GOULEMONT, J.M.; MASSEAU, D.; TATIN-GOURIER, J.J. *Vocabulaire de la Littérature du XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: Minerve, 1996.

- GUSDORF, G. *L'avènement des sciences humaines au Siècle des Lumières*. Paris: Payot, 1973.
- HAZARD, P. *La crise de la conscience européenne*. Paris: Fayard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento europeu no século XVIII. De Montesquieu a Lessing*. 3.ed. Tradução Carlos Grifo Babo. Lisboa: Presença, 1989.
- LAURENT, B. *L'esprit des Lumières et leur destin*. Paris: Elipses, 1996.
- LE RU, V. *Subversives Lumières: l'Encyclopédie comme machine de guerre*. Paris: CNRS Éditions, 2007.
- MOTA, V.O. *Voltaire e a crítica à metafísica: um ensaio introdutório*. São Cristóvão: EdUFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.
- ROUSSEAU, J.J. *Emílio ou Da Educação*. Tradução Roberto Leal Ferreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SOUZA, M.G. *Ilustração e História. O pensamento sobre a História no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.
- TATIN-GUORIER, J.J. *Lire les Lumières*. Paris: Dunod, 1996.
- TODOROV, T. *O espírito das Luzes*. Tradução Mônica Cristina Corrêa. São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.
- TRÉVOUX. *Dictionnaire Universel François et Latim, vulgairement appelé Dictionnaire de Trévoux*. Paris: Compagnie des Libraires Associés, 1771. VIII Tomes.
- VENTURI, F. Les Lumières dans l'Europe du 18e siècle. In: *Europe des Lumières: Recherches sur le 18e siècle*. Tradução Françoise Braudel. Paris: École Pratique des Hautes Études, 1971.
- WELLEK, R.; WARREN, A. *Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários*. Tradução Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.